

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”
Departamento de Ciências Florestais
Programa de Pós-Graduação em Recursos Florestais**

LCF5875-6: Oficina de Educação Superior

DIÁRIO DE BORDO

Discente:

Taísi Bech Sorrini

Docente:

Marcos Sorrentino

Piracicaba
2019

O meu primeiro contato com a disciplina “Oficina de Educação Superior” foi quando ainda estava escolhendo as matérias que iria cursar no primeiro semestre do meu Mestrado. Eu recém-chegada na pós-graduação fui pedir ajuda para alguns colegas mais experientes no assunto e “por uma boca só” fui aconselhada a me matricular no curso ministrado pelo Professor Marcos Sorrentino. Esse, que inclusive, foi bastante carismático e paciente ao assinar por duas vezes o meu formulário de efetivação da matrícula.

Confesso que a expectativa era grande para as aulas começarem, a novata aqui queria vivenciar logo esse curso tão famoso e querido entre os pós-graduandos. Até que, finalmente, o e-mail do docente convocando a turma para a primeira aula da matéria chegou à minha “Caixa de Entrada”.

Dia 04 de Abril de 2019, alguns minutinhos antes do horário oficial, eu já estava a postos para me apresentar à disciplina. Aos poucos as pessoas iam chegando e tomando seus lugares, assim como fez o professor. Alguns rostos eram familiares e outros não. Todos estavam meio tímidos e desenxabidos. Sentei perto dos colegas que já conhecia, para me sentir um pouco mais confiante para aula. Muito solícito o professor, então, iniciou o curso pedindo para que ao invés das cadeiras enfileiradas, que as dispuséssemos em forma de ferradura. Assim, conseguiríamos ter uma visão privilegiada de todos os presentes e também facilitaria a nossa interação. Pois bem, acomodados, Marcos se apresentou, e todos os demais presentes também assim fizeram. Eu, com as bochechas vermelhas, disse: “Meu nome é Taísi, sou ingressante do Mestrado e o meu orientador é o Prof. Pedro Brancalion”. Além disso, tive que me definir em uma única palavra. Escolhi “resiliência”, que é a capacidade de transformação e renovação diante dos distúrbios. Me espelho nos abençoados santuários verdes, que são as florestas, às quais dedico o meu labor! Mas essa pequena frase, dita pela maioria, não era suficiente para conhecer com profundidade as pessoas que compartilhariam comigo as quintas-feiras durante os próximos meses. Foi aí que o professor pediu para ficarmos em pé e circularmos pela sala de aula seguindo suas orientações. Primeiramente nos pediu para olhar fixamente nos olhos de cada colega que cruzássemos, depois para o nariz, depois para boca, depois o cabelo, e assim para o corpo inteirinho, incluindo o “bumbum”, causando bastante constrangimento para alguns. Depois dessa dinâmica, pude dizer que, pelo menos, a parte física das pessoas eu já conhecia muito bem. Logo em seguida, o professor nos pediu o feedback sobre a atividade, onde despontaram diversos sentimentos, entre eles vergonha, embaraço, e até mesmo, mal estar. E eu compartilhei dessas mesmas sensações. Já mais familiarizados, o docente propôs outra dinâmica, dois círculos

foram formados; um interno e outro externo. Virados frente a frente, ao sinal do Marcos, tínhamos que falar sobre a palavra que ele anunciava em voz alta, vale ressaltar que tínhamos pouquíssimos minutos para isso. As palavras foram de “farinha” a “feminismo”. Desandamos a falar e ao ouvir. Ali, com certeza, a minha timidez inicial já tinha saído correndo pela porta. Novamente, o professor nos pediu o retorno da atividade, e as nossas impressões foram, em sua maioria, ansiedade, palpitação e angústia. Pronto, ali já havíamos nos conhecido super bem. Mais relaxados, fomos para o intervalo e no retorno dele fomos incumbidos de formular questões a respeito da educação, sem uma linha de raciocínio, só perguntar mesmo. A primeira que me veio à cabeça foi: “O educador também é responsável pela formação pessoal do aluno, ou isso é dever daqueles que estão em casa?”. Filtramos as inquietações e mostramos para os colegas. Havia as mais diversas dúvidas e as respostas viriam ao longo do curso, e principalmente, das reflexões pessoais. Encerrando a aula, o professor nos passou as diretrizes da disciplina, o cronograma, as maneiras de avaliação, as propostas para os grupos, e nos solicitou a leitura de um livro cuja temática seria educação, isso para a aula da próxima semana. Também deveríamos elaborar uma autobiografia e confeccioná-la na forma de cartaz. Primeira aula finalizada! E o sentimento de escolha certa me fez ter um sono confortável.

Eu não fazia a menor ideia sobre qual livro de educação ler, afinal era o meu primeiro contato mais íntimo com essa temática. Procurei na internet, mas não achei nenhum que me chamasse a atenção. Então, fui até a sala do professor Sorrentino que me sugeriu “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin. Achei que o autor daria a receita sobre a educação do futuro, mas pelo contrário, mostrou os mais diversos caminhos, dificuldades e ensinamentos que nos fazem chegar até ela. Um livro complexo, mas muito interessante.

Em relação à autobiografia me questionei sobre o que mostrar sobre mim. Não sabia se deveria abordar mais sobre a minha vida pessoal ou profissional. Acabei, então, focando no meu caminhar acadêmico. Coloquei uma música alegre e me diverti bastante fazendo a tarefa de casa. Enfim, pronta para a segunda aula!

No período da manhã do dia 11 de Abril de 2019, todos os alunos chegaram orgulhosos carregando seus cartazes com as autobiografias. Estávamos ansiosos para conhecer um pouquinho mais de cada colega. Então, a aula foi iniciada com o Professor Marcos Sorrentino nos presenteando com dois textos, o primeiro intitulado “Sobre Política e Jardinagem”, de Rubens Alves, e o outro “A utopia possível na sociedade líquida”, referente a uma entrevista de Zygmunt Bauman. Durante a leitura compartilhada, a frase: “A vocação é um chamado interior de amor”, da primeira obra, me chamou a atenção e sobre ela fiquei refletindo alguns instantes enquanto os

colegas, em voz alta, continuavam a declamar o conteúdo dos artigos. É exatamente esse o fluir da vida, o amor desperta e nos motiva a caminhar em direção aquilo que nos simpatiza. Finalizadas as leituras e a minha meditação particular, o docente exibiu o vídeo “Peixes não sobem em árvores”, nos instigando sobre o sistema escolar atual e o seu método de ensino. Um silêncio tomou a classe por alguns segundos. Digerido o filme, em pequenos grupos discutimos a leitura do livro sobre educação que ficou como tarefa de casa e também compartilhamos as autobiografias. Começamos pelas histórias particulares de cada membra do grupo (estávamos só entre mulheres), e foi lindo de ver a trajetória percorrida por cada uma. Principalmente a conexão com os amigos e familiares, algo que me identifiquei bastante. Inclusive, uma das meninas também era apaixonada por futebol, assim como eu. Mais próximas e com o tempo apertado, partimos para as leituras. Confesso que tive um pouco de dificuldade em explicar as “viagens” do meu livro para as integrantes do meu grupo, mas minhas colegas, muito pacientes, se esforçaram bastante para entender o conteúdo da obra, entre um riso e outro, quando lia pequenos trechos para elas. Durante essa atividade, analisamos as seguintes perguntas e num cartaz expusemos nossas respostas: o que aproxima e o que distancia os membros em suas histórias pessoais. Já em relação à obra lida por cada integrante, as concepções de escola, educação, ensino e aprendizagem, utopias/distopias presentes nas leituras e os principais desafios dos atuais educadores. Alguns grupos embalaram nas trocas de ideias e precisaram trabalhar durante o almoço para finalizar a tarefa. Eu, infelizmente, tive que sair alguns minutinhos mais cedo e deixei minhas colegas “na mão” durante a confecção do cartaz.

Já no período da tarde, retornados do almoço, os cartazes com as autobiografias estavam fixados na parede da sala e a maioria dos alunos entretidos em conhecer melhor seus colegas e as bagagens que traziam consigo. Assim como no meu, o enfoque estava na trajetória acadêmica percorrida por cada um. A diversidade de graduações, universidades e especializações era bastante grande. A aula, então, foi focada na apresentação dos grupos, principalmente sobre aquilo que discutimos, refletimos e criticamos juntos durante a manhã em relação às pautas determinadas pelo professor. Muita coisa emergiu das exposições, especialmente em relação ao futuro do educador. Dentre as perguntas mais chamativas, no meu ponto de vista, destaquei: “Como ter paixão pela educação no contexto atual?”. Percebi que o sentimento de preocupação e incerteza era bastante predominante na turma. O compartilhamento de bibliografias também aconteceu, pois diversas dúvidas e interesses surgiram na roda de conversa. Já em casa, dessa aula, refleti bastante sobre como sou privilegiada, visto a minha formação intelectual. Tive a oportunidade

de cursar todo meu ensino básico em escola particular, graças ao esforço gigantesco e amoroso dos meus pais; consegui bolsa de estudos e frequentei um dos melhores cursinhos de São Paulo, me graduei na melhor universidade de agrárias da América Latina e hoje, estou em um dos mais reconhecidos programas de pós-graduação em Recursos Florestais do Brasil. Tenho muito orgulho da minha trajetória acadêmica e diante das preocupações emergidas em sala sobre o futuro do educador, me senti motivada a lutar pelo futuro dos novos educandos! Para que todos, ou sua maioria, também se sintam inflado da sua carreira educacional em longo prazo.

Com essa pulguinha atrás da orelha fui dormir após o segundo encontro.

Nas próximas duas semanas estive ausente da ESALQ/USP e não pude comparecer em uma das aulas da Oficina. Eu e mais três colegas da disciplina fomos até a Floresta Nacional de Ipanema (Iperó/SP) cursar a matéria “Adequação Ambiental de Unidades de Produção, com Ênfase para a Restauração de Áreas Degradadas”. Lá ficamos imersos por 12 dias, aprendendo e trocando saberes sobre a regularização ambiental de propriedades agrícolas, incluindo planejamento, implantação e manutenção de projetos de Adequação Ambiental. Durante o dia fazíamos campos de diagnóstico/zonamento, coletas e monitoramento pela Unidade de Conservação, e a noite, tínhamos aulas referentes à temática abordada. Diversos professores e profissionais da área ministraram palestras, enriquecendo ainda mais o curso. Além de todo conhecimento adquirido, sem dúvida, uma conexão pessoal entre todos os participantes foi criada. Apegamos-nos uns aos outros rapidamente, houve uma enorme empatia, e a disciplina ficou muito mais divertida e fluída. Com certeza, todos que compartilharam desses dias intensos comigo, ganharam um espacinho super carinhoso no meu coração!

Devido o mergulho “de cabeça” na Adequação, não consegui entregar a demanda do fichamento do livro do Miguel Zabalza, proposta pelo professor Sorrentino, no Stoa. E também não pude acompanhar as atualizações do sistema. Além de a disciplina ter sido bastante exigente, o sinal de internet também não era dos melhores na UC. Esses dois fatores, que incluem a falta de tempo, me fizeram falhar com essa demanda. Admito que fiquei super frustrada e envergonha em não poder examinar o livro e não contribuir com considerações. Mas assim que esse semestre, bastante puxado, se encerrar, pretendo ler com calma o artigo proposto.

Retornando a rotina e colocando a vida em ordem...

De volta a ESALQ/USP e a disciplina “Oficina de Educação Superior”, no período da manhã do dia 02 de Maio de 2019, a aula foi ministrada pelo Grupo 1, composto por Isabela e Luã. A dupla nos presenteou com uma dinâmica chamada carinhosamente de “Boneco de Posto”, fazendo referência às figuras atrativas dos

postos de combustíveis, que consistia basicamente em movimentarmos as articulações para despertarmos o corpo, ou seja, aos pouquinhos nosso corpo ia sendo preenchido por ar e ganhando forma (ou talvez vitalidade). Foi bastante descontraído e demos bastante risada. Não costumo me alongar pelas manhãs e foi bem bacana ativar meu corpo (e minha mente) nas primeiras horas do alvorecer. Para mim, começamos o dia com o pé direito. Mais ativos e atentos, o Luã nos apresentou a resenha da aula anterior, e eu, particularmente, prestei bastante atenção nas informações para me situar dos acontecimentos, já que estive ausente devido à imersão na disciplina de “Adequação Ambiental”, liderada pelo Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Rodrigues. Muito foi discutido sobre a palestra do professor Gerd, que apresentou números alarmantes sobre a produção agrícola brasileira e mundial, e a sua relação com o meio ambiente e o atual uso do solo no país. A turma demonstrou ter gostado bastante da apresentação do docente da ESALQ/USP. Confesso que adoraria ter participado desse evento também, pois como Engenheira Agrônoma, esse assunto vai muito de encontro aos meus interesses e inquietações. Finalizada a memória da aula, muito carinhosamente, como eu e outros colegas estávamos no curso que objetivava a regularização socioecológica de propriedades agrícolas, nos foi aberto espaço para contarmos nossa experiência enriquecedora na Floresta Nacional de Ipanema. Falamos um pouquinho da nossa experiência de aprendizado e dos laços afetivos que criamos. Marcas registradas do nosso “mergulho”. O professor Marcos Sorrentino também agregou conhecimentos sobre a FLONA, principalmente em relação aos assentamentos que visitamos durante o curso. Inclusive nos contou como se deram as ocupações, contrariando aquilo que ouvimos na UC. Após o bate-papo, fomos divididos em grupos de acordo com os artigos que lemos na forma de tarefa de casa. Eu li um artigo bem denso sobre práxis, que consistia, basicamente em: “Refletir, agir, transformar e libertar”. Essa frase, na minha humilde opinião, é um mantra! Enquanto discutíamos sobre Práxis, Diálogo, Agroecologia e Bem- viver, um café caprichado e descontraído nos era servido, definido pela dupla como “Café compartilha”. Depois de sucessivas rodadas de conversação, expusemos nossos cartazes e neles nossos pontos de vistas sobre a temática abordada. Recordo-me sobre a pergunta que emergiu em um dos meus grupos: “A Agroecologia também é agronegócio?”. Chegamos ao consenso que sim. Essa técnica alternativa de cultivo também faz parte do sistema de produção e é, inclusive, usada por muitos como fonte de renda, ou melhor, “negócio”. Quando finalizamos as discussões e o compartilhamento de ideias, Isa e Luã nos apresentaram o plano de ensino da disciplina “Projetos de Adequação Ambiental”, a qual ministram para alunos de graduação da universidade, sob tutoria do professor Marcos Sorrentino. Chamou-me a

atenção que alunos jovens já estão engajados em grandes projetos de oferecimento de oficinas para a comunidade em geral. Para finalizar, uma roda de conversa foi aberta para felicitar, criticar, propor e questionar o grupo 1, a condução da aula e a sua proposta de matéria. Segundo alguns colegas, o plano de ensino da equipe estava muito bem elaborado porque os mesmos foram privilegiados ao mostrar um curso que está em andamento, ou seja, já vinham trabalhando no programa da matéria há algum tempo. Coisa que os demais grupos começaram a pensar somente nas últimas semanas. E realmente, eu e meu grupo precisamos “matutar” bastante sobre o que abordaríamos.

Já no período da tarde, a aula foi ministrada pelo Grupo 2, composto por Alex, Bárbara, Isabela e Pedro. A equipe iniciou as atividades nos apresentando a resenha e a memória da aula anterior, que aconteceu antes do almoço. Após contarem como se deu a manhã liderada pelo Grupo 1, fomos presenteados com o texto “Crônicas”, de Rubens Alves, que de maneira poética destrincha a formação de um educador. Dentre todos os trechos da leitura compartilhada, fiz questão de anotar a frase: “Se o meio para se aprender o voo dos pássaros é a gaiola, o que se aprende não é o voo, é a gaiola.”, muito verdadeira e filosófica. Precisamos estar sempre vigilantes àquilo que nos apegamos. Posteriormente a leitura, a equipe mostrou para nós o plano de ensino da disciplina “Resolução de Problemas Agroalimentares”, que desenvolveram para graduação. Dentro do programa, expuseram a contextualização, estado da arte, objetivos/filosofia, conteúdos/bibliografia, técnicas de trabalho, métodos de ensino, divisão das aulas, apresentação de problemas e tutoria/avaliação. Ou seja, toda receita desejada pelo professor como produto final da disciplina. O grupo fez um grande trabalho! Também fizeram alusão aos conceitos de multi e transdisciplinaridade. O texto base “An emerging signature pedagogy for sustainable food systems education”, proposto para casa, subsidiou as informações da equipe. Como complementação, exibiram um vídeo sobre o método ABP (Aprendizagem baseada em problemas), técnica que está dentro da proposta da matéria. Após um café agradável e amistoso, fomos divididos em grupos menores para respondermos perguntas norteadoras sobre a disciplina que propuseram. Então, como no período matutino, a aula foi finalizada com uma roda de conversa com felicitações, críticas, sugestões e questionamentos ao grupo 2, a condução da aula e a proposta da matéria. Muitas recomendações surgiram, principalmente aquelas relacionadas ao conceito de interdisciplinaridade, cuja definição ficou “no ar”. Enfim, começando pela leitura do longo texto que nos foi destinado como tarefa de casa, eu, particularmente, achei a aula bastante densa. Todo o plano de ensino foi esmiuçado diante da classe e todas as perguntas da dinâmica também foram sobre o programa. Não sei se eu

estava cansada, mas me senti um pouco “borocoxô”. Esperava uma aula mais “alegrinha”.

A semana que se sucedeu a próxima aula foi bastante agitada... eu e meu grupo éramos os próximos a liderar a Oficina da manhã do dia 09 de Maio de 2019. Diversas ideias, várias trocas de mensagens e algumas reuniões aconteceram para alinharmos as diretrizes. Mas o bom trabalho executado em grupo garantiu a nossa confiança para conduzir a turma. Apesar do grande volume de atividades, não tivemos problemas entre os membros. O diálogo e o respeito foram nosso norte (ou sul)!

Marcamos de nos encontrar logo cedinho na manhã de quinta-feira, afinal precisávamos garantir que o presente e o café estariam “no jeito” quando os “nossos” alunos chegassem. Enquanto batíamos papo, eu e o Lukas fomos cortando as frutas, enquanto a Anani foi fazendo o chá. Dada à hora do início da aula, fomos para sala dar os retoques finais e esperar a chegada da Amanda. Nós, o Grupo 3, iniciamos o dia com uma medição guiada conduzida pela Anani, que treinou bastante a prática. Preparamos a sala com luzes baixas, velas e incenso aromático para que todos pudessem ir ao encontro do “Sábio da Montanha”. Entre bonitas paisagens, belos sentimentos e reflexões profundas, os discentes captaram a mensagem calmante da dinâmica e como presente do “Sábio”, ao descerem o “morro”, ganharam uma mudinha de tomate cereja para levarem para suas casas e plantarem em seus vasos/jardins, e assim, sempre se lembrarem da sabedoria recebida na meditação. Percebendo todos mais relaxados, conduzimos a resenha e a memória da quinta-feira anterior, lembrando a turma sobre os acontecimentos. Em seguida, começamos a dar indícios dos tópicos que abordaríamos nas próximas horas. Distribuímos para cada aluno uma bexiga e um pequeno pedaço de papel para desenvolverem a proposta da “Motivação”. Nesse bilhete pedimos para que escrevessem objetivamente sobre o que poderia tornar uma aula mais atrativa para um docente da graduação e dentro das bexigas que colocassem suas opiniões em papezinhos dobrados. Após uma contagem regressiva, todos jogaram seus balões para o alto e pegaram um outro aleatório que flutuava pelo ar. Tomamos cuidado para que as bexigas não caíssem sobre a mesa do lanche. Então, estouraram e leram em voz alta os pontos de vistas apontados pelos colegas, refletindo sobre os mesmos. Em geral, o diálogo, as formas alternativas de ensino e a consideração das identidades de cada aluno, foram as principais pontuações levantadas que poderiam ajudar a tornar uma matéria mais estimulante. Nesse sentido, “pegando o gancho” das reflexões, apresentamos a proposta do plano de ensino do nosso grupo, que consiste na reformulação da disciplina “Recursos Florestais em Propriedades Agrícolas”. Previamente, identificamos problemas de motivação, desinteresse e preconceito entre docentes e

alunos que compartilham essa matéria. Principalmente em relação ao desequilíbrio do universo agro com o ambiental. Mundo enraizado na ESALQ/USP como azuis e “vermeios”, quando se é tachado pelo lado que se identifica mais, ou até mesmo, pela roupa que se veste. Inclusive, conversamos com discentes que cursam ou já cursaram a disciplina no passado para levarmos em consideração suas críticas e louvores. Ouvimos, até mesmo, que é uma disciplina “de vermeios” e que ensinam “que SAFs são a salvação do mundo”. Portanto, a partir desses relatos, propusemos a modificação da metodologia de ensino, aulas práticas mais atrativas e flexibilização das regras do curso, que hoje são bastante engessadas. Posteriormente a essa exibição, servimos um café simples e colorido para turma. As frutas frescas e os patês foram os destaques na mesa, e nos renderam felicitações. Apesar do agradável café, nem o chá de erva cidreira foi capaz de acalmar os corações preocupados com os bloqueios das bolsas CAPES, impostos pelo presidente na noite anterior. O clima era de tensão e discutíamos entre nós a situação alarmante que a educação estava tomando na gestão Bolsonaro. Comentei aos meus colegas e professor, que na noite anterior foi difícil dormir porque as lágrimas invadiram meus olhos e a tristeza meu peito. Retornando do intervalo e deixando a política só um pouquinho de lado, ministramos um exemplo de dinâmica que abordaríamos em uma das nossas aulas práticas do curso, ideia muito criativa e didática vinda do Lukas. O debate entre ambientalistas e ruralistas deixou a sala com “os nervos a flor da pele”. Os grupos em lados opostos da sala discutiram fervorosamente sobre a temática indicada por nós. Dedos apontados, “caras e bocas” e vozes alteradas deram um tom de realidade a dinâmica. Cronometramos o tempo para colocação dos pontos de vista de cada equipe, fazendo ferver ainda mais os ânimos. Foi bem interessante ver pessoas com visões opostas encarnando papéis que jamais incorporariam em suas vidas reais. Algumas, inclusive, nos procuraram para pedir para ficarem no grupo contrário a sua ideologia. Achei incrível essa pró-atividade! Encerrado o debate, abrimos uma roda de conversa para recebermos o feedback da turma, com elogios, críticas, sugestões e questionamentos. Aparentemente, a sala gostou bastante da condução da nossa aula e da proposta da nossa disciplina, mas pontuou preocupações quanto à conexão das diferentes áreas da matéria e também sugeriu que os pontos levantados no debate deveriam ter sido expostos na lousa para então serem discutidos. Outro palpite apresentado foi para aumentarmos o número de aulas da área de tecnologia florestal, que anda se perdendo pelos cursos de Engenharia Florestal no Brasil. Visões muito válidas e proveitosas para melhoramento da nossa proposta. Fomos almoçar com a sensação de dever cumprido. Tudo saiu como planejado e a aula havia sido um sucesso! O grupo estava de parabéns; todo esforço, dedicação e empenho valeram a

pena. Mais tarde leríamos as ideias que os colegas depositaram na urna, uma estratégia que utilizamos para que cada aluno se sentisse a vontade em inserir sua opinião num pequeno vaso a qualquer momento da aula. Daríamos o feedback para o pessoal via Stoa. E então, arregaçariamos as mangas para, finalmente, finalizarmos a nosso plano de ensino.

Dessa nossa aula, fiquei refletindo sobre a situação da ESALQ/USP e a sua polarização histórica. Assim que entramos na universidade temos que escolher lados. Seja morar em república ou só, ser azul ou “vermeio”, ser agro ou ambiental. Não podemos ser um pouquinho de cada? Não podemos fluir pelos universos? Não podemos ter nossa própria identidade?

Enfim, a ESALQ/USP é um mundo paralelo e bastante peculiar...

No período da tarde, a aula foi ministrada pelo Grupo 4, composto por Elias, Kálita, Lucas e Magda. Iniciaram recordando o conteúdo abordado pela manhã, por meio da resenha e memória da nossa aula. Logo em seguida nos presentearam com a leitura de um texto de Paulo Freire, que ao desenrolarmos o “pergaminho” com as palavras do autor, o “mimo” de um chocolate nos surpreendeu e adoçou a nossa tarde. Uma fofura! Direcionando a turma para o tema que seria desenvolvido, imagens fragmentadas nos foram entregues individualmente. Deveríamos descrever, em poucas palavras, as sensações que aquelas fotos nos causavam. Recebi em mãos a foto de uma bela moça de cabelos castanhos desfrutando de um bonito jardim. Fixando na imagem, percebi perfume, encantamento, leveza, pertencimento e amor-próprio... Fomos reunidos em grupos que compartilhavam das mesmas fotos e os sentimentos foram divididos entre os membros e os demais alunos da sala. No nosso caso, depilação, maquiagem e artificialidade foram sensações que também surgiram por parte de uma colega, gerando riso e estranheza entre todos da classe. Daí então, outros dois “pedaços” de imagens nos foram entregues, permitindo que tivéssemos a perspectiva total da foto. Ou seja, cada imagem era encaixe da outra. Essa dinâmica, segundo o grupo, relaciona-se com a interação entre professor e aluno, que um faz parte da construção do outro. “Pegando o gancho” da proposta, o grupo, então, nos apresentou a proposta de ensino da disciplina “Diagnóstico e Planejamento de Recuperação Ambiental”, que se apoia, basicamente, na metodologia da pedagogia de projetos. Focada no ensino ativo, integral e em grupo, ou seja, que forma uma grande rede. Durante a exposição, o grupo parecia bastante nervoso e algumas inquietações e dúvidas surgiram após a apresentação da equipe. Logo, deixaram transparecer que, durante o planejamento do curso, houve conflitos de ideias entre os membros, principalmente em relação ao tema que seria abordado e a didática que utilizariam. Assim, o professor Sorrentino sugeriu que o grupo produzisse dois planos de ensin

de acordo com o interesse e disposição dos integrantes. Confesso que achei bastante corajoso o grupo abordar de forma transparente as dificuldades que encontraram diante do embate de ideias e se abrirem para as mais diversas críticas. Foram maduros e empáticos! Para amenizar o clima, o grupo sugeriu um intervalo e serviu um gostoso lanche, destaque aos bolos de cenoura e mandioca que estavam muito caprichados, que inclusive, lembravam os que comia nas tardes na casa da minha avó. Todos alimentados, partimos para a outra dinâmica proposta pela equipe. Em grupos, respondemos as perguntas sobre os conceitos de conservação e preservação ambiental, natureza e o porquê dessas definições. Algumas imagens e textos nos ajudaram a definir as complexas respostas, já que as perguntas eram muito abertas e generalistas. Como forma de auxiliar a turma, o grupo se utilizou da brincadeira do “telefone sem fio” para passar as definições das conceituações para todos. Essa proposta me pareceu uma técnica muito interessante e efetiva de fixação de conteúdo. A mensagem, cheia de termos técnicos, chegava com ruído ao último ouvinte, gerando muita risada entre nós. E geralmente, é exatamente isso que acontece, quando a definição não é bem conceituada e também divulgada de maneira incorreta, a mensagem chega com defeitos, prejudicando o entendimento dos demais. Encerrada a aula, uma roda de conversa com felicitações, críticas, sugestões e questionamentos ao grupo 3 foi aberta. Muito se falou sobre a proposta de ensino e como um consenso entre os membros poderia auxiliar no desenvolvimento do trabalho, principalmente por meio do diálogo. Adicionalmente, a pedido do professor Sorrentino, reservamos alguns minutinhos do final da aula para conversarmos sobre a situação dos cortes de verbas na educação pública e como os estudantes poderiam ser agentes de mudança em relação a isso. Ficamos sabendo do bloqueio de várias bolsas em alguns programas de pós-graduação da ESALQ/USP e levantamos que a divulgação das produções científicas das universidades poderia auxiliar no resgate dessa verba. As redes sociais, na forma de vídeos, fotos e pequenos realises seriam molas propulsoras de difusão dessa informação. E nós, “geração Y” podemos e devemos utilizá-las como aliadas. Esse conhecimento também chegaria àqueles que “bancam” a nossa pesquisa, que é a sociedade como um todo. Ainda traçamos estratégias conjuntas a respeito da Assembleia Geral dos Estudantes da ESALQ/USP e a participação da comunidade na Greve Geral em apoio a Educação, Ciência e Tecnologia, do dia 15 de Maio.

Uma frase martelava na minha cabeça: “O governo não investe em educação porque a educação derruba o governo”. Então, bora pra rua enfrentar esse desgoverno!

No dia 15 de Maio de 2019, a Praça José Bonifácio, no centro de Piracicaba, foi tomada por estudantes dos mais diversos graus, educadores das mais diversas instituições e a sociedade das mais diversas classes. Todos abraçavam sob gritos e palmas a EDUCAÇÃO. Cheguei um pouquinho atrasada na Greve Geral em apoio a Educação, Ciência e Tecnologia, pois estava em aula, na “balbúrdia”. Assim que pisei na frente da igreja e me juntei à multidão, senti um nó na minha garganta, algumas lágrimas brotarem dos meus olhos e o meu coração acelerar de maneira descompassada. Muitos cartazes, cantos e falas, davam ao ato seriedade e emponderamento. O bom senso prevalecia... Quanto alívio! A indignação em relação ao corte de verbas da educação básica, das universidades federais, dos pesquisadores subsidiados pela CAPES, e de tantos outros afetados, era generalizada. Como alguém, em sã consciência, é capaz de exterminar a base de sustentação de uma sociedade? Como alguém, em sã consciência, na mesma semana, assina a flexibilização ao acesso as armas e restringe a verba para o acesso e produção de conhecimento? Só o inominável e sua corja mesmo... Junto aos meus, entendi que aquele choro do início do protesto era de esperança, o coração batendo forte era motivação e o nó garganta era grito. O Movimento Estudantil está mais vivo do que nunca! E temos o apoio dos nossos pares, que são professores, funcionários, amigos e familiares. NÃO VAI TER CORTE, VAI TER LUTA! Queremos livros, e não bala de fuzil! Que honra viver esse momento e presenciar essa união. Que privilégio poder somar com outros militantes. A cada palavra que digito, meu corpo se arrepia... Foi lindo! Foi grande! Foi expressivo! Foi luta! E dia 30/05/19 será maior ainda!

Voltei para casa com o peito cheio de satisfação e quando vi que o presidente havia nos chamado de idiotas úteis e massa de manobra, não senti raiva. Pelo contrário, senti pena. Os estudantes e seus pares farão do seu desgoverno uma verdadeira balbúrdia!

Ainda emocionada com o protesto, no período da manhã do dia 16 de Maio de 2019, os “balubúrdianos” se reuniram para aula ministrada pelo Grupo 5, composto por Gabriela, Glaucia, Kênia e Letícia. As meninas (girl power!) iniciaram o dia nos apresentando a memória da aula da quinta-feira anterior. O professor Marcos Sorrentino pediu rapidamente a palavra e também aproveitou o momento para divulgar o JURA (Jornada Universitária pela Reforma Agrária), que acontecerá entre os dias 20 e 25/05 por toda ESALQ/USP, com a presença de grandes nomes do movimento. Em seguida, a equipe nos presenteou com a “Roda das sensações”. Todos os alunos da classe foram vendados e sobre as nossas mãos foram deixadas pequenas mudas de plantas. Utilizamos o tato, olfato e/ou paladar para tentarmos adivinhar o nome da planta e atribuímos a ela uma sensação. No meu caso, o manjerição me lembrou,

com muita saudade, das macarronadas de domingo em família. E o mais legal é que, no final da atividade, pudemos levar as plantinhas para casa. Alguns ganharam temperos e outros chás. Estou cuidando da minha melissa com todo afeto, já que a plantinha será de muita valia agora que o frio está por vir. Uma das integrantes do grupo nos explicou que essa técnica é usada em atividades para desenvolver habilidades em deficientes visuais. Achei muito bacana essa informação. Tocar na terra geladinha, sentir o cheiro agradável e experimentar as folhinhas, com certeza, ajudam a apurar os nossos sentidos. Logo após essa deliciosa dinâmica, a sala foi dividida em pequenos grupos para discutirmos os textos propostos para leitura em casa sobre a “Popularização da ciência: uma revisão conceitual”. Assunto perfeitamente casado com o finalzinho da última aula da quinta-feira anterior. Depois de alguns minutos compartilhando informações sobre a temática proposta, exibimos na lousa as ideias centrais sobre vulgarização, alfabetização, divulgação e popularização científica para que todos pudessem linkar os conhecimentos expostos no artigo e assim conversarem sobre como anda o acesso das pessoas as produções científicas no Brasil e no mundo. Chegamos à conclusão que há mais divulgação do que popularização. A sociedade ainda está distante das informações acadêmicas e conhecimentos científicos. Esse “mundinho” ainda é uma bolha seletiva. Depois dessa reflexão, um café muito didático nos foi servido pelas meninas. Todos os itens provinham de PANC (Plantas Alternativas Não Convencionais), desde o patê de cheiro verde, até o chá de coca. Muito criativo e gostoso! Fiz questão de experimentar um pouquinho de tudo. Sem contar que o grupo teve a delicadeza de expor as informações sobre cada item da mesa numa espécie de varal. Muito explicativo! Em seguida a esse café diferente, a equipe nos apresentou a sua proposta de ensino, voltada a divulgação científica. Esmiuçaram desde o conteúdo de cada aula, até os métodos de avaliação. Um vídeo muito divertido e alternativo sobre a divulgação de um trabalho nos foi apresentado. O rapaz contava sua pesquisa com morcegos fazendo alusão a diversos filmes e séries. A apresentação era repleta de efeitos audiovisuais, saindo totalmente dos padrões. Talvez uma ideia para nossas próximas palestras. E para ilustrar o programa da disciplina, propuseram uma dinâmica que, em duplas, cada pesquisador contava sua pesquisa para o outro e depois ambos tinham que repetir o trabalho que cada um desenvolvia. Com o cronômetro disparado. Foi muito divertido e complexo, porque os termos técnicos dificultavam a reprodução da pesquisa do colega, principalmente aqueles de áreas bem diferentes. Posteriormente, nós mesmos, por meio de linguagem simples, tínhamos que contar a todos a nossa própria ciência. Caso quiséssemos, podíamos ser filmados para divulgação. Como sou bastante tímida e (às vezes) insegura, preferi passar longe das câmeras. Confesso

que foi desafiador e intrigante. Como explicar para “Tia do Rucas” o que é Diâmetro a Altura do Peito, Regeneração Natural e Modelagem?! Quanta dificuldade! Depois de muitas risadas e aplausos, uma roda de conversa foi aberta para felicitar, criticar, sugerir e questionar ao grupo 5, a condução da aula e a proposta da matéria. Muitos elogios foram direcionados a equipe e pedidos para que a disciplina se efetive.

Divagando durante o almoço... Toda sociedade precisa entender a pesquisa que estão investindo, e nós pesquisadores e “funcionários” dos cidadãos, precisamos encontrar maneiras práticas de falarmos sobre a nossa ciência para que todos tenham acesso. Foi muito bom treinar essa retórica na aula das meninas. Eu adorei e pretendo usar essa estratégia constantemente, principalmente com a minha família e amigos.

No retorno do almoço, a aula foi ministrada pelo Grupo 6, composto por Bruno, Gabriel, Letícia e Silvio. A equipe iniciou as atividades nos apresentando a resenha e memória da aula da manhã anterior. Como presente, fomos desafiados a tentar adivinhar se uma certa quantidade de pedras caberia num determinado recipiente de vidro. A resposta foi que as pedras grandes caberiam. Depois as pequenas se encaixariam nos espaços, e em seguida água a preencheria por completo o vaso. Os integrantes da equipe disseram que assim é a nossa capacidade de retermos conhecimentos, sempre há espaço para mais, mas às vezes preenchemos esses buracos com preocupações, ansiedades e medos. Uma colega disse que a dinâmica tinha a ver com o tamanho dos nossos sonhos e aquilo que deixamos pertencer às nossas vidas. Logo que ela compartilhou essa reflexão, abri um largo sorriso. Uma ponderação muito bonita que rendeu uma salva de palmas. Após esse desfrute, o grupo nos questionou sobre as nossas relações históricas com as áreas de exatas, principalmente nossos traumas e dificuldades. Muitos disseram já terem sofrido pela falta de afinidade, interesse ou má didática de algum educador. Que são exatamente os meus casos. Mas por outro lado, alguns contaram que tiveram aulas com professores de química, física ou matemática que mudaram suas concepções sobre o universo dos números e fórmulas. Dentro dessa abordagem, o grupo nos apresentou a sua proposta de plano de ensino, que é tornar a área de exatas mais atraente e fluída, tanto para os docentes ministrarem, quando para os discentes aprenderem, e isso chamaram de “transposição didática”, a fim de trabalharem a “ansiedade matemática” na base educativa. E eu sofro desse mal! Quando estou lendo um artigo, pulo a análise estatística para poupar a minha saúde mental. Partindo para o café, que foi um pouco diferente dos demais, com salgadinhos fritos e pães de queijo, muito gostosos por sinal, a turma, entre um gole de café e outro, digeriu a matemática. Eu era uma delas. Então, a fim de exemplificar como a área de exatas também pode ser lúdica, a equipe nos ensinou a construir uma régua hipsométrica para realização de inventários

florestais, a partir da semelhança de triângulos. Alguns colegas se contorceram nas carteiras só de ouvirem a palavra “geometria”. Mas a construção conjunta do instrumento foi muito tranquila e agradável. A experiência de medir uma palmeira no jardim do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP também contribuiu para deixar a matemática mais atraente. Pudemos levar o material para treinarmos em casa e também utilizarmos em nossos campos. Antes de encerrarem a aula, o grupo, mais uma vez, desafiou a sala. Perguntaram: “Como vocês mediriam a altura de um prédio só com um barômetro?” Escutamos muito burburinho sobre teorias, fórmulas e cálculos, mas a resposta era muito simples. “Coloca-se o barômetro no bolso, sobe até o último andar, desenrola um barbante que vai até o chão da rua, pede para o porteiro do prédio uma trena e assim, descobre-se a altura do mesmo.” Demos muita risada! Como gostamos de complicar as coisas, não é mesmo? Encerrando a aula, uma roda de conversa foi aberta para felicitar, criticar, sugerir e questionar o grupo 6, a condução da aula e a proposta da matéria.

Adicionalmente, no finalzinho da tarde, também discutimos a maneira como seríamos avaliados para obtenção da nota final da disciplina de “Oficina de Educação Superior”. Depois de muito debate sobre a data, os produtos e a forma de avaliação; em conjunto, decidimos que no dia 23/05/19, seria a última aula e que todas as demandas deveriam ser entregues. Como se obter uma nota A foi a nossa maior preocupação durante a conversa...

Aqui se encerra a disciplina de “Oficina de Educação Superior”. Seria muita ousadia da minha parte dizer que estou completamente pronta para ser uma Educadora. Mas posso afirmar, com grande propriedade, que foram abertas as portas, mostrado o caminho e dadas às bases para esse objetivo ser alcançado com louvor. Aquela pós-graduanda tímida e ansiosa foi lapidada nos últimos meses, hoje está um pouco mais extrovertida e confiante. Logo na primeira aula, o professor Marcos Sorrentino disse que o curso não seria uma sucessão de terapias, mas particularmente, além do meu desenvolvimento profissional, adquirindo conhecimentos teóricos e conceituais; eu também fui aperfeiçoada como pessoa. As exposições na frente da sala, os grupos de trabalho, os diálogos nas dinâmicas, os compartilhamentos de ideias e experiências; fizeram-me crescer e amadurecer pessoalmente. Eu fecho o ciclo da disciplina como uma nova Taísi, mais comprometida consigo e com o futuro da Educação, focada, principalmente, no Educando e na sua construção diária como Educadora.

No próximo ano, se alguém me perguntar se deve cursar a disciplina de “Oficina de Educação Superior”, a minha resposta será a mesma dos meus colegas que me aconselharam lá no início dessa jornada: SEM DÚVIDA!

Gostaria de agradecer ao professor Marcos Sorrentino pelas aulas ministradas, pela dedicação, pela paciência e pelo compartilhamento dos seus saberes preciosos. Aos meus colegas de curso; pelas trocas de conhecimentos e emoções, pelos ensinamentos e por dividirem comigo as agradáveis e produtivas quintas-feiras.

Felicito: Os lanches e cafés no intervalo. Essa proposta, com certeza, unifica a classe e estreita a sua relação. É um momento muito gostoso e descontraído.

Critico: A mim mesma pelas vezes que utilizei o celular durante as aulas. Fui indevida e mal educada com aqueles que estavam à frente da classe, se esforçando na condução das apresentações.

Proponho: Que a data final da entrega dos produtos para avaliação e obtenção da nota na disciplina seja discutida e definida logo nos primeiros encontros, permitindo que haja planejamento para execução das tarefas.

Pergunto: No decorrer dos anos que a disciplina foi oferecida, como essa metodologia de ensino foi definida?

Auto-avaliar-se é uma tarefa muito difícil e complexa. Geralmente temos a tendência de nos criticar mais do que elogiarmos. Apontarmos mais defeitos que qualidades. De nos excedermos nas punições e cobranças, e esquecermos-nos dos nossos esforços e vitórias (mesmo que pequenas). Afinal, o que considerar nessa auto-avaliação? Eu poderia analisar a minha frequência de presenças nas aulas, a minha motivação pessoal em comparecer semanalmente ao curso, o meu interesse nos assuntos abordados, a minha participação nas dinâmicas propostas, a minha eficiência no cumprimento das demandas individuais solicitadas, o meu acesso frequente ao sistema Stoa, a minha contribuição na construção do trabalho em grupo (desenvolvimento do plano de ensino), e tantos outros pontos...

Analisando a mim mesma dentro desses parâmetros formais descritos, acredito ter sido uma boa aluna, pois me encaixo positivamente em cada um deles. Ressalvo, apenas, a não execução do fichamento do livro do Zabalza, já que estava imersa numa outra disciplina, o que também justifica a minha ausência em uma das aulas. Também observo, com certa vergonha, às vezes em que utilizei o aparelho celular. Esse ato pode ser considerado como desinteresse ou desmotivação, mas na verdade, é explicado, na maioria das vezes, pela falta de tempo. Como o curso é ministrado período integral às quintas-feiras, algumas mensagens e emails precisam ser checados e respondidos durante a aula.

Nesse balanço, ainda acho justo considerar o meu desenvolvimento pessoal e a minha evolução profissional. Além do meu entusiasmo em comparecer às aulas e participar das propostas, também pontuo, a entrega das tarefas exigidas (fichamentos, resenhas, biografia, diário de bordo e plano de curso), as contribuições prestadas nas dinâmicas, a dialógica e o auxílio ativo no meu grupo de trabalho, os novos conhecimentos e conceitos adquiridos, os compartilhamentos intelectuais e interpessoais com os colegas, o traquejo em lidar com as diferenças, o saber ouvir e permitir, à superação da timidez em falar em público e finalmente, a motivação incessante pela busca do saber sobre Educação. Esse conjunto de ações, sentimentos e reflexões me transformaram numa pessoa e profissional pensante, crítica e pró-ativa.

Apesar de algumas falhas, as quais estamos sujeitos e as tiramos de lição, aprecio a minha dedicação, entrega e empenho. Então, pelos motivos e justificativas descritos, me auto-avalio com a nota 9.